

CIDADE SEM NOME

revista eletrônica

número 5, 2008/2009

A ALMA DE FRANCISCA**Thais Kato**

Neste último Finados, estive no cemitério. Não fui visitar alma alguma. Fui revisitar finados trechos da minha vida. Pensar nestas minhas mortes. Metafóricas. Pensei em fases da vida, fim de ciclos, término de relacionamentos. Como ter certeza que aquele pedaço realmente chegou ao fim? Porque já dizia a sensata filosofia popular: o mundo dá voltas. Vai saber quando aquele emprego que você deixou não lhe servirá novamente. Casos amorosos, então, nunca se tem certeza de quando ressuscitarão (por mais exorcizados que estejam!).

Caminhando entre os sepulcros, pensava que esta – a morte física – era a única certeza de fim das coisas. Até me deparar com uma lápide específica. Aguiar esculpiu, no início do século passado, palavras romanticamente saudosas à Francisca. Tanto amor naquela placa de ferro pregada ao mármore! E passou os 30 anos seguintes sem a inspiração daquelas letras.

A morte teria sido mesmo o fim daquele relacionamento? Mirei o horizonte, questionando o universo. O que determina o real fim das coisas? Uma briga. Uma traição. Um salário maior. Uma vida com mais qualidade. Uma melhor perspectiva. Não, não. Pareceu-me superficial demais. Afinal, quantas brigas levaram a uma reconciliação. Outras tantas traições foram perdoadas. Salários melhores nem sempre determinam uma escolha. E boas perspectivas se vão quando surgem outras. Há, quero crer, algo muito maior que circunscreve nossa direção.

Talvez seja o desejo vivo em nossas almas. Que nem a morte mata. Talvez deixemos a morte levar aquilo que já não cabe mais. E guardemos as boas coisas que nunca permitiremos que se findem. A morte levou Francisca, guardando em Aguiar toda a sua alma viva. Francisca, linda e amada, viveu por mais 30 anos em Aguiar.

Então, diante de tanta morte, fui me enchendo de vida. Quantas almas-de-francisca ainda latejam em meu coração? Muitas. Muitas. E quais caminhos já cruzei e me tornei uma alma-de-francisca? Se em poucas, permita o universo que eu aja sempre em alma-de-francisca onde quer que esteja, com quem quer que esteja. Amém.

Nota dos Editores

Os artigos publicados em **CIDADE SEM NOME** não refletem opinião ou concordância da equipe editorial da revista, sendo o conteúdo e a veracidade dos artigos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Os autores ao submeterem os artigos a **CIDADE SEM NOME** consentem no direito de uso e publicação dos mesmos por meios eletrônicos e outros (eventualmente em parcerias com terceiros), com finalidades acadêmicas, culturais e artísticas, de debate e divulgação de informação. Ou seja, os artigos publicados passam a fazer parte do acervo de **CIDADE SEM NOME**.